

CDU 92 (Freyre, Gilberto)

GILBERTO FREYRE, HISTORIADOR

Potiguar Matos

1. BREVE EXPLICAÇÃO

O presente trabalho é o relatório final do nosso projeto de pesquisa, referente ao segundo semestre de 1980, e destinado a cumprir nossas obrigações profissionais com a Universidade Federal de Pernambuco, de acordo com as exigências legais. Como professor de tempo integral, temos deveres de docência e de pesquisa.

Ao encaminhar à Pró-Reitoria para Assuntos de Pesquisa e Pós-Graduação o referido projeto (que por ela viria a ser aprovado), justificamo-lo em dois itens:

1. Importância universal da obra gilbertiana

Torna-se quase desnecessária a justificação do tema. Gilberto Freyre é, hoje o mais internacional dos escritores brasileiros. Sua obra tem sido traduzida para a maioria das línguas civilizadas e estudada em simpósios multinacionais da mais alta qualificação. O autor tem sido agraciado com as mais consagradas láureas, não havendo, praticamente, discordâncias profundas sobre a originalidade e profundidade das suas idéias.

Entre os temas que tem versado, habitualmente, destacam-se suas concepções originais, novas, revolucionárias mesmo, no terreno histórico. Ao longo da sua vasta bibliografia, o escritor pernambucano tem, pouco a pouco, desenhado um painel rico e impressionante a respeito de uma renovação metodológica da ótica histórica e que, ainda, aguarda uma apreciação crítica sistemática, em que pesem estudos já feitos, como os de José Honório Rodrigues ou Darcy Ribeiro, só para exemplificar.

O trabalho que ora se propõe não possui, evidentemente, a ambição de esgotar a temática. Seus objetivos são mais modestos. Como tentaremos expor.

2. A Universidade e Freyre

Enfoquemos, preferencialmente, o Curso de História. Uma das disciplinas do currículo obrigatório é "Introdução aos Estudos Históricos", onde a análise das idéias de Gilberto Freyre será de inegável importância para a compreensão e aprofundamento da matéria. Ocorre, entretanto, que o pensamento de Freyre se encontra disseminado em dezenas de trabalhos, exigindo certo domínio metodológico para ser captado em suas linhas mestras. Acrescente-se a isso, o custo da pesquisa bibliográfica, face a deficiência, ainda não sanada, das bibliotecas postas ao serviço da nossa Universidade. O comentário visa lembrar a situação econômica do nosso alunado, sempre difícil e precária.

A pesquisa proposta teria, assim, um objetivo bem próximo: servir de introdução aos estudos do pensamento de Freyre, especialmente, para os alunos de graduação em História. Funcionaria como ponto de apoio e desdobramento da atividade docente. A esse objetivo, o autor se propõe juntar sua humilde homenagem à passagem dos oitenta anos do mestre, sem nenhum favor, "padrão de comportamento científico que honra nossa terra e nossa gente".

O relatório se compõe de duas partes:

1a. a pesquisa proposta e

2a. dois discursos a respeito da obra de Freyre, trabalhos paralelos ao tema da pesquisa e juntados como reflexão ilustrativa e complementar, onde se abordam idéias não de todo alheias à mesma, ao contrário, desenvolvidas em torno de reflexões semelhantes e com visível inter-relacionamento.

"É preciso que a história deixe de vos aparecer como uma necrópole adormecida, onde perpassam apenas sombras despojadas de substância"

Lucien Febvre

“A história é uma dialética da duração; por ela, graças a ela, é estudo do social, de todo o social, e portanto do passado, e portanto também do presente, um e outro inseparáveis”.

Fernand Braudel

“Tratar una narración sin referencia al narrador ni al auditorio es no tomar en cuenta algo de verdadera importancia”.

W. H. Walsh

“O poder de sugestão sobre o leitor não deve ser compreendido, ou pensado, nos rígidos limites do ensaio de erudição, e *Casa-Grande & Senzala* não se afasta do rigor científico, mas retira a sua matéria da existência narrada como um ‘romance’ e é ainda como romance que envolve o leitor numa espessa camada de prazer”.

Leônidas Câmara

2. A CONCEPÇÃO DA HISTÓRIA EM GILBERTO FREYRE. ALGUMAS NOTAS

2.1 Introdução

2.1.1 Não é sem certo receio que abordo aqui a possível concepção da História de Gilberto Freyre. Transcendendo mesmo as minhas limitações pessoais, o tema constitui um dos grandes desafios para a compreensão da obra do mestre pernambucano. Obra tocada pelo apetite do humano, sensibilizada pelo mistério global da cultura, fazendo-nos Freyre lembrar os “homens universais” do Renascimento, recém-libertos das contenções místicas do Medievo e a quem o mundo se apresentasse, de repente, como explosão de aurora, havendo um sortilégio inaugural de tentação em sua luz, seus ventos, topos de montanha, profundidade de vales, “pessoas, coisas e animais”, pedindo deciframento e respostas.

2.1.2 De outro lado, poucos escritores brasileiros têm sido objeto de exegeses tão profundas e sistemáticas, como Freyre. Não era para menos. Publicando, em 1933, *Casa-Grande & Senzala*, provocou um corte decisivo em nossa historiografia: ela, hoje, é pré ou pós-gilbertiana. Isso custa um preço e preço altíssimo, a ser pago em exaltações entusiásticas de apoio, em negações mesquinhas da mediocridade ofendida e, sobretudo, na ação pirata de patrulhas ideológicas, venham de onde vierem, tangidas pelos ventos de sua intolerância, olho vesgo científico, compulsões de Santo Ofício.

Na melhor das hipóteses, o novo sempre provoca contradições. No rastro das verdades reveladas fremita, sempre inquieto, o mundo dos pequenos latifundiários do saber, esvaziado do seu dinamismo, feito água morta, refletindo a ossificação ingênua das certezas definitivas, o "cabo Não" dessa desfrutável geografia da ciência catalogada. . .

Estudar Freyre, mesmo quando parece retrógrado, superado, reacionário, é desatar um saco de espantos, porque ele é uma inquietação permanente do espírito.

2.1.3 Só para exemplificar, tomamos, ao acaso, dois depoimentos. Um, tirado do *Ideologia da Cultura Brasileira*, de Carlos Guilherme Mota: "O estudo da trajetória e dos vários impactos da obra de Gilberto Freyre sobre os meios intelectuais assume grande importância por permitir a análise da cristalização de uma ideologia com grande poder de difusão: a ideologia da cultura brasileira. Sua postura se apresenta, ela mesma, como objeto de investigação estratégico: contém as ambigüidades daquilo que se poderia denominar uma 'geração' de explicadores da 'cultura brasileira'. Uma espécie de caso-limite.

Essa 'geração' — por assim dizer — caracterizada não só pelo peso da sua erudição, mas, sobretudo, pelo estilo de manipulação das informações, oferece ao investigador um material rico e complexo, se se tentar decifrá-lo pelo flanco ideológico. Uma abordagem sumária permite, desde logo, vislumbrar em seu comportamento intelectual — que também se traduz em nível político, possuindo enraizamento social e econômico — as expressões de um estamento dominante, embora em crise. Carrega consigo um certo sentido de mando, as marcas da distinção e do prestígio, uma visão senhorial do mundo, suavizada pelas condições gerais de vida criadas na esteira das transformações sociais e políticas com foco na crise de 1930. A emergência, aliás, de novas constelações sociais nas camadas médias, viria a revalorizar o tipo de produção desses estamentos. Um pouco de nobilitação para a burguesia, por assim dizer, por um lado; por outro, o ajustamento desses estamentos a uma sociedade de classes em formação. Onde o processo foi mais lento, como no Nordeste, dada a industrialização 'tardia', o canto foi mais longo, explicando, ainda hoje, o poder e prestígio do Senhor Mello Freyre". 1

O outro depoimento seria de Darcy Ribeiro: "Creio que poderíamos passar sem qualquer dos nossos ensaios e romances, ainda que fosse o melhor que se escreveu no Brasil. Mas não passaríamos sem *Casa-Grande & Senzala*, sem sermos outros. Gilberto Freyre, de certa forma, fundou — ou pelo menos espelhou — o Brasil no plano cultural tal como Cervantes a Espanha, Camões a Lusitânia, Tolstói a Rússia, Sartre a França. É certo que houve em nosso caso como nos

outros alguns gestos mais, uns antes — ontem, o Aleijadinho, entre poucos — outros, depois — hoje, Brasília, de Oscar — mas, sem dúvida, entre eles está o de Gilberto".²

Como se vê, uma brusca transformação de ótica; de uma obra puramente estamental, representativa da crise agônica de um estrato social dominante, para um livro símbolo universal do nosso povo, "o maior dos livros brasileiros e o mais brasileiro dos ensaios que escrevemos", frisa Ribeiro. ³

2.1.4 Retiramos, desse visível choque de interpretações, uma humilde lição de aprendiz: a necessidade de estudar e reestudar Freyre, tentando captar o segredo de sua permanente atualidade, a misteriosa seiva que lhe percorre a obra, dela fazendo objeto de contradição, tal como se, ainda, estivesse em *status nascendi*, as letras frescas pela tinta da primeira impressão, a sensação de *dejà vu* da velha historiografia, definitivamente apagada pelas fascinantes perspectivas que se revelavam.

2.2 O homem Freyre

2.2.1 Estudar Freyre não é um exercício crítico rotineiro. O homem é pluridimensional, a obra não possui fronteiras. Os que pensam prendê-lo em sistemas bem comportados, de lindas, pacificamente definidas, terminam se perdendo na geografia turbilhonante de sua criatividade. Não o pensemos nunca, como ilha, envolvido por águas limitantes, o perfil desenhado, definitivamente, pelos marcos irremovíveis. Freyre é um mundo, o demônio que o acutila é insaciável e dele se poderia dizer, como refere Plutarco do grande Sólon, em suas *Vidas Paralelas*: "Envelheço, aprendendo cada dia".⁴ Afonso Arinos fala do "seu espírito abrangente e ecumênico"⁵ e Moniz Aragão define sua inteligência como "poliédrica".⁶ Em tudo o sinal da complexidade e sutileza. Isso, justamente, talvez, seja a causa de determinadas incompreensões críticas. Pretender etiquetar Freyre seria destruí-lo. Ele se autodefine, e isso não é postura literária, é mesmo ato de fé: "Cientista sem cátedra universitária — sempre recusado — mas sempre em contato com universidades do seu país e do estrangeiro. Pensador desligado de ideologias sistemáticas ou fechadas, mas sempre em atividade pensante, analítica, crítica".⁷ Para espanto de muitos, esse sociólogo, esse antropólogo, esse ecologista, esse historiador, esse jornalista, esse pintor, esse romancista, recusa compromissos definidores, mas intelectualmente paroquiais, com qualquer uma das honrosas categorias enumeradas, as quais lhe parecem, apenas, "ancilares" de sua principal atividade, a de "escritor".⁸ E, para que não ocorram equívocos, apressa-se a conceituar o que lhe parece ser o verdadeiro escritor: "Ser alguém escritor é desenvolver uma atividade que nada tem de burocrática. É uma atividade mais de aventura do que de rotina".

.....

“Tende o escritor a ser, por vezes, asperamente individual para ser independente. Mas precisa, por outro lado, de não se fazer, precisa de não se desenvolver, adstrito a uma classe ou a uma raça ou a um sistema ideológico, fechado ou exclusivo”.

.....

“Não é autêntico escritor, mas literalmente, homem de letras, o indivíduo que escreve à base de informações colhidas em autores de livros já clássicos; sem exprimir da vida ou da natureza o que ele próprio vê, sente, observa, experimenta, recria”.⁹

É dentro dessa ordem de raciocínio que ele dá a Viana Moog uma provocante definição de inteligência: “Inteligência é a capacidade de ver o que os outros não vêem”.¹⁰ Começa-se a perceber que Freyre caminha, desassombadamente, nos limites da heterodoxia acadêmica. Seu compromisso é com o saber e em busca dessa Roma todos os caminhos lhe parecem válidos. Não ignora que semeia ventos. Na magnífica introdução da sua *Sociologia* está bem claro: “Um teólogo, depois de ouvir o sermão de outro teólogo, comentou: ‘A teologia daquele homem é a minha demonologia. O que ele descreve como Deus corresponde à minha idéia do Demônio”.

.....

“A verdade é que as ciências — pelo menos as sociais — e as línguas modernas se assemelham em mais de um ponto; principalmente aquelas ciências e línguas que se acham ainda em estado de formação. Assemelham-se também no fato de terem todas seus *gramáticos* ou *puristas*, cujo interesse sacerdotal está na ordenação e na estabilização dos conhecimentos de cada uma, enquanto as necessidades de expressões e de combinações novas se manifestam não diremos antigramaticalmente, mas alheias às exigências e aos ideais de fixidez e quase impossível perfeição, dos puristas e dos gramáticos”.¹¹

Ao tentar a captação do entendimento de Freyre a propósito do universo histórico, não devemos esquecer essa inquietação criadora. Jamais terá ele o mau gosto de pintar, apenas, cartões postais. Visa sempre o ainda irrevelado, a nuance escondida, a surpreendente perspectiva nova, capaz de provocar a discussão, e, até num jogo contraditório, estimular a sabedoria, permanentemente, insatisfeita e que ele caça, quase como volutuoso, expressando-se numa linguagem, ela mesma, sem paralelo, na nossa literatura científica.

Freyre inteiro é a sua metodologia. Os que a desdenham ou não aprofundam, islamicamente presos às sucatas de um discurso lógico, intocável e perfeito, terão incompatibilidades quase biológicas de lhe perceberem a trama que tece, com a liberdade do espírito que "sopra onde quer".

Com toda evidência, não nos atrevemos a tentar mais do que a identificação de alguns aspectos da abordagem metodológica de Freyre. Aspectos umbilicalmente ligados, como não poderia deixar de ser, as suas concepções históricas. Mas que não esgotam a riqueza do pensamento gilbertiano, um Gilberto singular e plural, mais singular e plural do que o Oliveira Lima que, magnificamente, interpretou. Singular pela geração de mestres que conheceu, um deles Franz Boas, que marcaria, profundamente, suas teorizações. Singular na "aventura do exílio", transformada, não em muro de lamentações ou ressentimentos, senão em revolucionária elaboração de um retrato novo de nossa realidade. Singular pela sua doutrina regionalista, lição vital esquecida pelas nossas gerações políticas. . . Entretanto, plural, na multiplicidade de suas óticas, o mais rígido espírito científico, fecundado por um humanismo fermentante. . .

2.3 A abordagem histórica, em Freyre

2.3.1 No seu recente manual, Flamarion Cardoso e Perez Brignoli afirmam: "A história se apresenta, hoje, como uma ciência em plena evolução. As certezas, ou verdades "definitivas" da historiografia positivista, pertencem ao passado e o fato de tal concepção da história manter-se em certos países, em função do atraso, da inércia ou da falta de informação, não a torna menos superada".¹² Tudo isso caminha para se tornar matéria pacífica, definitivamente, assimilada pelo perfil de uma História renovada, a que nasceu sobre as ruínas da "história historizante", beneficiada pelo germinante espírito crítico dos Henri Berr, dos Febvre, dos Collingwood, dos Mozaré, dos Croce, dos Braudel. . .

Nenhum estudioso esquece que o centro formidável dessa polêmica, entre as crenças do passado, tão bem resumido na obra de Langlois e Seignobo e os novos desafiantes, polarizou-se, sobretudo, em torno da concepção e natureza do fato histórico. Fato-acontecimento/fato-instituição; fato contido pelos textos, irretocáveis, como Jonas surgindo vivo do ventre da baleia/fatos marcados pelo *individual* e o *social*, pela *contingência* e pela *regularidade*, como queria François Simiand. . . Encontramos em Jean Glénisson uma síntese feliz do confronto: "Há cerca de três séculos, aproximadamente, a erudição deu à história sua fisionomia moderna, e a concepção do fato histórico acompanhou, em suma, a evolução de nossa disciplina. Os primeiros eruditos deram aos fatos históricos sua consistência prática, sem procurar defini-los. Os historiadores do último terço do século XIX, erigindo o método em dogma, foram, por assim dizer, obrigados a construir

uma teoria do fato que devia muito ao positivismo e que seria, de qualquer forma, ininteligível fora da atmosfera científica da época. Nada exprime melhor sua concepção do que a bem conhecida frase de Fustel Coulanges: "A História é uma ciência; ela não imagina, ela somente vê. . . ela consiste, como toda ciência, em constatar fatos, em analisá-los, em compará-los, em assinalar seus laços... "Assim sendo, a história reduzira-se, nos casos extremos, a um mosaico de acontecimentos. Eis porque os contemporâneos, cada vez mais rebeldes a estes processos, foram levados a retirar aos acontecimentos sua aparência de irrefutável rigor, para restituir-lhes uma incoerência fundamental. Ao mesmo tempo, deram ao historiador, 'construtor' dos fatos, um lugar a ele negado pelos predecessores, obsedados pela preocupação de desaparecer por trás dos *fatos* "que falam por si mesmos".¹³ No processo de liberação que se seguiu à queda ou revisão conceitual dessas concepções, assistimos a uma espécie de revolução copernicana na metodologia histórica, cuja vanguarda, hoje, se concentra, principalmente, na apologia da quantificação, com a teoria da História serial, ou econômica, com suas projeções já no campo do Demográfico, do Social, do Econômico, do Político, do Religioso. . . A História repensa sua opção epistemológica e tenta uma processualidade nova em suas técnicas de abordagem. O que é, evidentemente, bom, se há uma vacinação prévia contra as euforias de seita e se têm em conta advertências, como as do professor Edward Carr: "O culto mais recente à *história quantitativa*, que faz da informação estatística a fonte de toda a investigação histórica, conduz talvez a concepção materialista da história a extremos absurdos".¹⁴

Ninguém tem medo da História nova, a não ser que venha ela com ânimo de Tribunal do Santo Ofício, monolítica na sua verdade, inabordável nas suas certezas. Entendemos que a fórmula respeitável foi cunhada por Fernand Braudel, ao escrever: "O movimento profundo da História de hoje, se não me engano, não é escolher entre rotas e pontos de vista diferentes, mas aceitar, adicionar essas definições sucessivas nas quais se tentou em vão encerrá-las. Pois todas as histórias são nossas".¹⁵

2.3.2 O rápido painel em que se tenta apanhar as tensões criadoras do moderno pensamento histórico teve, apenas, a pretensão de criar um fundo de pano contra o qual fosse possível projetar imagens rápidas dos posicionamentos epistemológicos e metodológicos de Freyre.

Sua compreensão de fato histórico surpreende, um pouco, pela tinteira quase positivista: "O critério histórico distingue-se do sociológico por ser, na sua pureza, o critério do fato único, inédito, ostensivamente dramático. O critério do fato que não se repete na vida humana — a Revolução Francesa, a independência das colônias inglesas da América, a abolição dos escravos no Brasil. Pois a história não se repete: em sua pureza, o fato histórico é singular".¹⁶

Não se aproximaria essa conceituação da tão hostilizada caracterização do *acontecimento*, na "história-historizante"? Seria um julgamento apressado. O que surpreende, de logo, na obra de Freyre é a sua revolucionária modernidade, não uma modernidade feita culto ou atitude ingênua de confundir *modismo* intelectual e *verdade*. No caso em tela, pode-se observar a incorporação da melhor doutrina atual ao conceito de Freyre. Analisando o relacionamento História Sociologia, ele esclarece: "O aspecto de individuação da história humana é justamente o desprezível para o cientista natural; e o processo individualizador da biografia e da história o oposto do seu, que é o generalizador. Mas para o cientista cultural, nem a individuação do objeto nem o processo individualizador de estudo deixam de ser científicos, contanto que o que o sociólogo-biógrafo ou o sociólogo-historiador examine no objeto particular de estudo seja material já transformado em *atos, formas, funções e relações sociais*, e condicionado por *situações sociais* e estilizado em *manifestações de cultura*".¹⁷ E exemplifica: "Assim, se estudarmos a personalidade do comendador Breves sob o aspecto de sua situação social predominante de senhor de escravos, na Província do Rio de Janeiro, durante o século XIX, através de atos, funções e relações que caracterizaram nele o dominador de homens e o conservador de estilos de vida e de cultura correspondentes à sua principal situação social, teremos num estudo de extrema individuação — o de um homem — um estudo também de generalização: o de um processo, o de uma repetição, o de uma semelhança".¹⁸

Pergunta-se: esse esplêndido entrelaçamento do histórico e do social não refletiria, pragmaticamente, aquela afirmativa de Braudel, em que procura evidenciar o sentido unitário das Ciências do Homem? Diz ele: "Já escrevi, um pouco contra George Gurvitch, que sociologia e história eram uma só aventura do espírito, não o avesso e o direito de um estofo, mas o próprio estofo, em toda espessura de seus fios".¹⁹ As coordenadas do historiador são o tempo/espaço. Superiormente, Marc Bloch assinalaria: "O historiador não pensa apenas o humano. A atmosfera em que seu pensamento respira naturalmente é a categoria da duração".²⁰ O sociólogo não é alheio a esse condicionador onipresente no domínio das Ciências Humanas. Apenas, o sociólogo distinguir-se-ia do historiador — pensa Jean Glénisson — "por uma *atitude* diferente, por uma *exigência* diferente em relação à cronologia".²¹ Mas, atrevemo-nos a acrescentar, sem que essa "atitude", essa "exigência" se transforme em muro de Berlim de um confronto mortal, antes capazes de se contaminarem em espaços confluentes.

2.3.3 É, exatamente, a concepção de tempo de Freyre, trabalhada por um enfoque metodológico revolucionário, o que vertebra e enriquece sua abordagem, extremamente original, do homem e ilumina, com poderosa singularidade, a sua compreensão do discurso histórico. Já Bloch escreveu: "É certo ser difícil imaginar uma ciência, seja ela qual for, que possa abstrair do tempo. Contudo,

para muitas delas, por convenção, o fragmentam em partes artificialmente homogêneas, o tempo não é mais do que uma medida. Realidade concreta e vida volvida à irreversibilidade do seu impulso, o tempo da história é, pelo contrário, o próprio plasma em que banham os fenômenos, e como que o lugar da sua inteligibilidade".²² Freyre sente essa força do tempo trabalhando o cerne da História e modelando incessantemente o seu objeto: "O tempo é inimigo das unidades de qualquer espécie: despedaça-as. Decompõe os compostos. Dissolve as construções. Parte. Divide. Faz aparecerem contradições. Cria ruínas melancólicas ou grandiosas: as de estátuas gregas, as de deuses romanos, as de sacerdotes egípcios, as de príncipes indianos, as de filósofos chineses, as de caciques incas, as de guerreiros astecas".²³ Partindo daí, Freyre adverte: "De onde o prudente ser que esboça, ou tenta esboçar, qualquer retrato evocativo de pessoa ou de povo, contentar-se em apresentar, do indivíduo retratado ou da gente evocada, apenas verdades particulares, sem pretender fixar uma suposta verdade única e inteira; aspectos expressivos do todo, em vez de um todo monolítico; contradições significativas em vez de uma unidade perfeita e inautêntica. Retalhos; pedaços; fragmentos. Fragmentos suscetíveis de ser reunidos em conjuntos mais ou menos ideais por quem, ao interesse pelo indivíduo retratado ou pela figura ou gente evocada, junte, por esse indivíduo ou por essa figura ou por essa gente, uma simpatia, ou antes, uma empatia, capaz de realizar por esse meio a evocação subjetiva que se acrescenta ao documento objetivo, até alcançar o quase milagre de resuscitar este ou aquele sujeito-objeto, em sua quase perfeita unidade e em sua quase completa autenticidade. Um quase maior ou menor: mas sempre, irredutivelmente, interposto entre retratado e retratista".²⁴

Documento objetivo, evocação subjetiva, empatia, eis projetados três fulcros gravitacionais da inteligência histórica, em Freyre. Três chaves simultâneas que abrem o processo de decodificação de sua metodologia, antimetodologia ou trans-metodologia. Uma metodologia que tem sido a *teologia* ou a *demonologia* da sua sistemática operacional.

2.3.4 Sobre essa metodologia é precioso o depoimento de Darcy Ribeiro: "Cabe uma palavra mais sobre o propalado método de Gilberto Freyre, de que ele próprio tanto fala: método não, mas sim a *pluralidade de métodos*, tão referida e tão louvada. Em *Casa-Grande & Senzala* simplesmente não há método nenhum. Quero dizer, nenhuma abordagem a que o autor tenha sido fiel. Nenhum método que o leitor possa extrair da obra, como um enfoque aplicável em qualquer parte. É tão impossível escrever outra *Casa-Grande & Senzala* como é impossível reproduzir Gilberto, que a fez com seus talentos e suas birras, mais obra sua que seu próprio filho".²⁵ Aliás, Darcy Ribeiro documenta suas palavras com um exemplo, capaz de pôr em crise traumática toda uma legião de "Savants". Citando o registro e a admiração de Freyre pela façanha portuguesa de

construir três impérios — na África, Ásia e América, “quase sem gente”, diz ele: “Tamanha seria a escassez de gente para tarefa tão grande, que Gilberto desenvolve uma tese bem gilbertiana para explicar como se atendeu às necessidades de gente para a tarefa imperial: *foi milagre*. . . 26

Freyre conhece essas restrições de uma crítica menor, o que não é o caso de Darcy Ribeiro, ao contrário, poucos analistas penetraram tão fundamente o gênio da saga gilbertiana, como o admirável autor de *“Ensaaios Insólitos*. Ou compreenderam a arquitetura singular do passado, erguida por Freyre, jamais uma arquitetura de pirâmides funerárias, onde a vida morreu e se decompõe, lentamente, na face insensível das múmias. E, sim, uma vibrátil arquitetura de velhas e novas casas, senhoriais, plebéias, casas de ricos e pobres, sobrados onde, ainda, se podem ouvir os passos leves das sinhazinhas, ou, mocambos, onde os ressentimentos sociais esculpem, na lama, o perfil soturno do grande confronto, em antecipações agônicas. . . A vida, enfim, na sua glória e desafio, a vida — o objeto supremo da História.

Freyre mesmo se autodefine: “Sou um escritor — ou constante aprendiz de escritor — que nas suas tentativas de captar e interpretar aspectos situados da condição humana, em geral, através da do homem tropical, especialmente da do brasileiro, em particular, vem procurando captá-los e interpretá-los por meio de várias perspectivas, por vezes simultâneas. Daí o confuso, o desordenado, o descontínuo que têm encontrado em meus trabalhos certos críticos literários. Talvez daí, a incompreensão, da parte de uns tantos outros, do que vem sendo, nesses trabalhos, o emprego de perspectivas científicas ao lado das humanísticas, além de repetições e desordens na expressão ou fixação possivelmente literária dessas perspectivas por vezes simultâneas: expressão que daria a esses trabalhos, segundo alguns críticos, categoria artística ou qualidade poética e segundo outros, os reduziria a um amontoado caótico de imagens, nem validamente científicas, nem literariamente sugestivas”. 27

Proclamando-se sempre um liberto dos “ismos” escravizadores, para além do sectarismo ideológico, Freyre disse a Huxley, no expressivo diálogo que mantiveram em Apipucos: “Os deterministas não sabem o que perdem nas suas perspectivas quando deixarem de considerar o improvável. É aqui que o místico se avante ao puro homem de laboratório: sem desprezar as verdades do laboratório admite outras verdades. Neste ponto é que a sua obra é de uma complexidade única: literatura e ciência, como já começara a ser a obra do seu avô, cujo ensaio *On a Piece of Chalk* está naquela estante, anotado e comentado por mim. Ou filosofia e ciência. E até mística e ciência. É uma obra, a sua, desmoralizante das verdades fechadas. Veio corajosamente valorizar as verdades abertas: as que se encontram nas fronteiras e até passam de um campo para outro. Dentro dos meus limites é o que venho procurando fazer num esforço de interpretação do

moderno homem civilizado situado no trópico, inclusive do seu sentido de tempo como um sentido simplesmente de vida".²⁸

Empatia, compreensão empática, este é o nome do desafio gilbertiano aos excessos de um racionalismo, perdido, muita vez, no seu unilateralismo asfíxiante e estéril: "Pois já não há mais quem pretenda ver a vida ou o passado do homem, em geral, racional de todo explicável através de métodos apenas racionais, lógicos, matemáticos". . . defende Freyre.²⁹ A busca do quantitativismo é um acréscimo à Ciência: o quantitativismo transformado em mística metodológica ser-lhe-á um freio. O Universo não se exprime, apenas, por uma faceta. No centro dele não se encontra só um teorema matemático. Encontra-se o homem. E o homem é o mistério.

O método, ou, a pluridimensionalidade metodológica de Freyre constituem mesmo a sua própria concepção histórica, comandam a sua visão da vida, dão-lhe as ferramentas com que explora as estruturas sociais.

2.4 Notas finais

2.4.1 Esse sentido do universal, essa abertura da inteligência para a globalidade da natureza, tem irritado alguns críticos de Freyre: "É um literato, sua obra seria a-científica", sentenciam impávidos. A velocidade e multiplicidade das abordagens gilbertianas, seus achados surpreendentes, o questionamento que introduz no seio dos esteriótipos satisfeitos e os desafios que provoca, com o imprevisto de suas respostas — a análise fascinante do patriarcalismo colonial, a morenidade, a meta-raça, o tempo trípico, o regionalismo tradicionalista e moderno, a ciência tropicológica, para enumerar algumas — suscitam resistências e ataques nem sempre justos e respeitáveis. É humano que Freyre retruque, sem oferecer o seu hospitaleiro e maçônico conhaque de pitanga: "Isso de se acusar cientista ou filósofo de ser indevidamente literário tem se verificado várias vezes. Verificou-se contra Claude Bernard, contra o filósofo William James, contra o também filósofo Bergson, contra o antropólogo social Frazer, contra o sociólogo Simmel, contra o economista Keynes: todos escritores literários. Por que? Porque escreviam ou em francês literário ou em inglês ou em alemão também literário, e não em filólogos ou em antropólogos ou em sociólogos ou em economês. A acusação procede, quase sempre, de especialistas incapazes de se exprimirem literariamente pelo simples fato de terem de esconder as deficiências do seu saber ou do seu talento por trás de jargões científicóides ou filosofóides. Para se escrever literariamente sobre qualquer desses assuntos mais densos ou mais complexos é preciso que o autor tenha inteiro domínio sobre eles e seja capaz de criar e não apenas de compilar ou mesmo de somente expor o já conhecido ou já estabelecido".³⁰ Costuma-se falar na vaidade de Freyre, quando não se pode discutir as verdades

de Freyre. É tudo coisa muito pequena. Ninguém tem mais direito do que Freyre de escrever as duras e ácidas palavras que citamos.

2.4.2 Só um pouco mais. Marc Bloch narra uma história, ocorrida com ele e Henri Pirenne, que veio a se tornar famosa. Visitavam Estocolmo, e Pirenne exclama: "Que vamos ver primeiro? Parece que há uma Câmara nova. Começemos por lá". E procurando evitar um movimento de surpresa do companheiro, comentou: "Se eu fosse um antiquário, só teria olhos para as coisas velhas. Mas sou um historiador. É por isso que amo a vida". 31

Freyre não é um antiquário. A sua História move-se tribiamente, passado-presente-futuro, como que tocada, obsessivamente, pelo mistério da vida, esse a sua pedra de Sísifo, sempre empurrada para o alto, para o mais alto, ao longo de todo um culto e fervor pela vida, sorvida, como que, pelos poros, a vida admirável, captada sem limitações, quase dionisiacamente, num esplendor tropical de luzes, cores, sons, a vida desdobrada na mão de um tempo só, de um tempo que se faz além tempo, meta-tempo mesmo, quem sabe, um dia, tempo e eternidade.

NOTAS DE REFERÊNCIA

1. MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira*. 4. ed. São Paulo, Editora Ática, 1978, p. 54,55
2. RIBEIRO, Darcy. *Ensaio Insólitos*, R. G. do Sul, L & PM Editores, 1979 p. 64
3. RIBEIRO, Darcy. op. cit., p. 64
4. PLUTARCO. *Vidas Paralelas*, Joaquín Gil, 1964 tomo I, p. 176 (Clássicos Ibéria)
5. ARINOS, Afonso. In: FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*. 6. ed. Recife, IJNPS. 1976 p. 36
6. ARAGÃO, Moniz de. In: FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*, 6. ed. Recife, IJNPS, 1976 p. 43
7. FREYRE, Gilberto. *Como e Por que Sou Escritor*. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, Departamento Cultural, 1965. p. 22

8. FREYRE, Gilberto. op. cit. p. 6
9. FREYRE, Gilberto. op. cit. p. 6, 7
10. MOOG, Viana. In: FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*, 6. ed. Recife, IJNPS, 1976, p. 43
11. FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. Rio, Liv. José Olympio, 1945. Tomo 1, p. 11-19
12. CARDOSO, Ciro Flamarion & BRIGNOLI, Héctor Pérez, *Os métodos da História*, Rio, Edições Graal Ltda., 1979.
13. GLÊNISON, Jean. *Iniciação aos Estudos Históricos*, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961, p. 135
14. CARR, Edward H. *A História*, Rio, Salvat Editora do Brasil, 1979. p. 19
15. BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais*. Lisboa, Editorial Presença, 1972. p. 128
16. FREYRE, Gilberto. *Sociologia*, Rio, Liv. José Olympio, 1945. Tomo I, p. 175-176
17. FREYRE, Gilberto, op. cit. p. 179
18. FREYRE, Gilberto, op. cit. p. 179
19. BRAUDEL, Fernand, op. cit. p. 134
20. BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Publicações Europa-América, p. 29 (Coleção Saber)
21. GLENISSON, Jean. op. cit. p. 29
22. BLOCH, Marc. op. cit. p. 29-30
23. FREYRE, Gilberto. *Oliveira Lima, Don Quixote Gordo*, 2 ed. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1970, p. 35
24. FREYRE, Gilberto. op. cit. p. 35
25. RIBEIRO, Darcy op. cit. p. 81
26. RIBEIRO, Darcy. op. cit. p. 83

27. FREYRE, Gilberto. *Como e Por que Sou Escritor*. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, Departamento Cultural, 1965, p. 21
28. FREYRE, Gilberto. *Brasis, Brasil, Brasília*. Rio de Janeiro, Gráfica Record Editora, 1968, p. 258-259
29. FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959, Tomo 1, p. XXXII
30. FREYRE, Gilberto. *Jornal Universitário*. Recife, n. 9/10 maio/jun., 1977. p. 5
31. BLOCH, March. op. cit. p. 42-43

3. TEMPO E HISTÓRIA

3.1 A chave do tempo

José Honório Rodrigues faz uma densa e feliz abordagem do relacionamento Tempo/História: "O Corpo do Tempo, a História, pode não ser heróico, nem disciplinado, mas é sempre criador, não só de bens materiais, como de valores espirituais e morais. Os fatos históricos que formam O Corpo do Tempo não são os acidentes, crimes, diversões, futebol, particularidades dos maiores e dos menores. Tudo isto são fatos passageiros, transitórios, que morrem ao nascer, sem conseqüências futuras, apesar de sua predominância na vida nacional atual. A História é composta de fatos criadores de futuro, e não dos que enchem agora o presente". 32

O mestre coloca aí o problema decisivo da epistemologia histórica: como conhece o historiador, de que material deve lançar mãos no seu desafiante trabalho de arquitetura retrospectiva, para que a obra não resulte frágil e pobre e vindo o vento não tombe em poeira e ruínas. O professor Stuart Hughes afirma: "Pues el identificar meramente algo-etiquetario debidamente o situario dentro de una secuencia cronologica — no es *conocerlo* en el sentido que la palabra suele tener para el historiador. El conocimiento histórico implica un *significado*". 33 E ele mesmo explicita sua compreensão de significado: . . . "podemos decir que *significado* es la conexión existente entre las cosas". 34 A categoria do historiador é o tempo; move-se dentro dele, como o peixe na água. Mas, há peixes de aquários e peixes oceânicos. O tecido do tempo envolve o pequeno historiador como a túnica de Nesso, mata-o sem dignidade. . . No Corpo do Tempo, as conexões vitais da experiência humana não se entregam a todos. Também aqui muitos são os chamados e poucos os escolhidos.

O pluralismo metodológico de Freyre se vertebra numa concepção singular do tempo. Essa é a outra face de sua contribuição renovadora. Revolucionária. O seu tempo jamais é uniforme e linear, fluindo como as águas do rio, onde nosso rosto não se mira outra vez. Um tempo de porções mortas. De galharias abandonadas, folhas secas, meandros esquecidos, um tempo enroilhado em torno de datas retumbantes que se sucedem fatais e onipresentes, como pirâmides onde não se encontra o sangue estuante da vida, mas, o frio enregelante de corpos mumificados.

Freyre trabalha a sua História Social dentro de parâmetros, provocantemente, novos. Não só para a historiografia brasileira onde era difícil detectar o sopro transformador de posicionamentos, ainda, heterodoxos. Raros, um Euclides, um Capistrano, se abriam aos ventos do século. Mas, parâmetros novos em relação à própria evolução da historiografia ocidental. Não erraremos muito se datarmos, como um dos marcos iniciais das modernas concepções a respeito de História Social, a magnífica obra de Lucien Febvre (utilizamos a versão mexicana) "La Tierra y la evolución humana". É nela, nos idos de 1922, que afirma, antecipadoramente, estudando problemas de vestidos, alimentos, recursos econômicos humanos: "Una vez más digamos que no es el hombre, jamás el hombre: las sociedades humanas, los grupos organizados".³⁵ Só muito depois, no início da década de 40 — que iria fertilizar com seu sangue — Marc Bloch escreveria: "Há muito, com efeito, que os nossos grandes precursores, um Michelet, um Fustel de Coulanges, nos tinham ensinado a reconhecer: o objeto da história é por natureza o homem. Melhor: os homens".³⁶

No prefácio à terceira edição de *Sobrados e Mucambos*, Freyre projeta um perfil do seu campo de trabalho: "Formou-se entre nós, brasileiros, uma civilização em que a Família sociologicamente cristocêntrica é que foi a unidade civilizadora; o principal fator econômico; a base de uma expansão que o Estado só fez sancionar ou confirmar. Adaptando-se a diferentes situações ecológicas, a civilização trazida da Europa para o Brasil, mais por famílias do que mesmo pela Igreja, mais por indivíduos do que pelos próprios e eficientes representantes dos Reis de Portugal e da Espanha, adquiriu aspectos regionais diversos".³⁷

Sem desprezar, simplesmente, superando-a, Freyre caminhava além da História, simplesmente, descritiva, ou heróica, ou casuística, ou a comportada história de respiração oficial. Pelas suas mãos toda uma humanidade penetrava em nosso passado, subitamente, reinsuflado de vida nova. O pater-famílias. A sinhazinha. O negro. O índio. Mercadores. Moleques de bagaceira. O padre. Pais e filhos. Curumins. Feitores. . . Mas, não só gente, coisas, bichos, frutos, verdes do mato. Freyre encheu nossa História de uma música nova:

a dos pássaros, dos rios correndo, do vento açoitando plantas imperiais, da própria terra, ora macia, feminina, ora agreste, dura, com rangidos de raiva.

Onde Freyre vai encontrar forças para operar, no sentido de Michelet, o histórico, como ressurreições? Tentamos identificar uma das chaves: sua metodologia. Outra, seria sua doutrina do tempo. Vale a pena discutir o seu desafio.

3.2 Um "aperçu" do problema

O professor Jean Glénisson apreendeu, com felicidade, a significação do binômio Tempo/História: "A preocupação com o tempo, a pressão do tempo: eis, então, o que confere uma forma inimitável ao conhecimento histórico, o que constitui um caráter específico de nossa disciplina e que atribui à história sua significação particular".³⁸ É, exatamente, de uma inteligência do Tempo que o mestre francês parte para uma reclassificação do objeto formal da História, que se encontra, hoje, com maiores ou menores modificações, na base mesma da revolução estrutural que sacode nossa disciplina: "Precisamos não apenas datar, mas determinar a *duração* dos fatos históricos. Dentre eles alguns são episódicos: puros acontecimentos. Já outros criam raízes, implantam-se, resistem ao tempo: são as instituições".³⁹

Dentre os grandes historiadores ligados ao movimento dos "Anais", e que deram o maior esplendor às teorizações da chamada "Nova História", o nome de Fernand Braudel, como é sabido, situa-se numa das culminâncias. A ele se deve, precisamente, a mais profunda e revolucionária concepção moderna do tempo histórico. No seu livro "La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II", lança as bases de uma doutrina nova, cujo impacto transformador iria marcar toda uma geração de historiadores. Analisando a surpreendente perspectiva criada pela obra, Gilles Lapouge comenta: "A personagem central de seu estudo não é mais um rei, nem mesmo a monarquia ou a Espanha, é o Mediterrâneo. Ator sem talento, o rei Felipe II não é mais que um simples figurante. Os verdadeiros atores são outros: os ventos quentes do Mediterrâneo, as montanhas que cercam o mar, as migrações dos peixes, os estaleiros onde se fabricam barcos, os pescadores de Nápoles ou de Túnis, os mendigos de Florença. Mergulhamos assim na *nova história*, aquela que não é mais obsecada pelos fatos, pelas datas, como ontem".⁴⁰

O livro de Braudel, acabado em 1946, foi publicado em 1949. Em 1937, Freyre publica *Nordeste*. No prefácio, explica seu objetivo: "Este trabalho já disse que era quase impressionista. A civilização do açúcar no Nordeste exige uma análise demorada, que só se poderá fazer, com inteira ampli-

tude científica, juntando-se vários especialistas para um esforço comum; e reunindo-se toda a documentação possível: a antropológica como a histórica; a sociológica como a psicológica; a geológica como a botânica".⁴¹ À maneira de Gilles Lapouge, podemos dizer que o centro de polarização do seu estudo não são os poderosos reis, suas Ordenações, os capitães terríveis e fortes, o lance dramático, quase de capa-e-espada. É o rio Una, com seus pitus; o Corrente, com seus dourados. As terras de barro gordo. A cana-de-açúcar. O estudante pálido, de fraque preto. Também, os ventos, "amigos da lavoura da cana". Os negros, os canoeiros, vareiros, jangadeiros, "uma multidão de negros canoeiros". O moleque da bagaceira. A iaiá. "O mulato vadio caçador de passarinho, o malungo, o branco pobre, o "amarelo" livre, o curandeiro, o caboclo conhecedor da mata e dos seus bichos. A ama de leite tapuia". A sífilis. As mulatas defloradas pelos grandes senhores. O desafiante drama ecológico, político, social, econômico: "Com a destruição das matas para a cana dominar sozinha sobre o preto, o roxo ou o vermelho dessa terra crua, a natureza do Nordeste — a vida toda — deixou de ser um todo harmonioso na sua interdependência para se desenvolverem relações de extrema ou exagerada subordinação: de umas pessoas a outras, de umas plantas a outras, de uns animais a outros; da massa inteira da vegetação à cana imperial e toda-poderosa; de toda a variedade de vida humana e animal ao pequeno grupo de homens brancos — oficialmente brancos — donos dos canaviais, das terras gordas, das mulheres bonitas, dos cavalos de raça. Cavalos de raça tantas vezes tratados melhor que os trabalhadores da bagaceira".⁴²

Pierre Chaunu coloca a plena emergência da revolução do nosso pensamento histórico em torno da virada dos anos 30: "Afirmemo-lo, sem hesitar, sacrifiquemos, por uma vez, à ilusão das datas demasiado curtas, a História, ciência humana federalizante de nosso tempo, nasceu entre 1929 e o início dos anos 30, nasceu da angústia e da desgraça dos tempos, na atmosfera dolorosa de uma crise de dimensões enormes e de repercussões infinitas".⁴³ A obra de Freyre se situa a partir dessa vertente transformadora, em cuja força revolucionária encontramos nomes como os de Labrousse, Braudel, Bloch, Febvre. Vale lembrar que os dois últimos fundaram os *Annales* em 1929. Trabalhando numa linha paralela, também, profundamente, criadora, Freyre iria provocar a "revolução copernicana" da nossa historiografia. Traçar-lhe um "meridiano das Tordesilhas", separando, irremediavelmente, seus hemisférios. Uma das suas contribuições, de validade universal, foi a reproblemática do tempo histórico. Deve-se a Braudel e a ele o maior esforço de renovação dessa perspectiva vital. A perspectiva do tempo, a carne viva da História.

3.3 A "longa duração"

A proposta teórica de Fernand Braudel é fascinante. Promove uma decomposição da História em planos escalonados. Nas suas palavras: "Ou, se quisermos, à distinção, no tempo da história, de um tempo geográfico, de um tempo social, de um tempo individual. Ou se preferem, ainda, à decomposição do homem num cortejo de personagens".⁴⁴ Ele mesmo caracteriza, revolucionariamente, a nova ótica: "A primeira põe em questão uma história quase imóvel, a do homem em suas relações com o meio que o cerca; uma história lenta no seu transcorrer e a transformar-se, feita com freqüência de retornos insistentes, de ciclos incessantemente recomeçados".⁴⁵ Diria numa conferência, em São Paulo: "Por certo, as civilizações são mortais em suas florações mais preciosas; por certo brilham, extinguem-se para reflorir em outras formas. Mas essas roturas são mais raras, mais espaçadas do que se pensa. Sobre tudo, não destroem igualmente tudo".⁴⁶ Acrescenta: "Há, se quiser, mais lenta ainda, que a história das civilizações, quase imóvel, uma história dos homens, em suas estreitas relações com a terra em que vivem e que os sustenta; é um diálogo que não cessa de repetir-se, que se repete para perdurar, que pode mudar e muda em superfície, mas prossegue tenaz, como se estivesse fora do alcance e do castigo do tempo".⁴⁷

Num segundo patamar do seu escalonamento do tempo histórico, Braudel defende a existência de uma História social, a dos grupos e agrupamentos, de respiração mais rápida, conjuntural: "A nova história econômica e social coloca no primeiro plano da sua investigação a oscilação cíclica e aposta na sua duração: deixou-se iludir pela miragem — e também pela realidade — dos aumentos e quedas cíclicas de preços. Desta forma, existe hoje, a par da narração (ou do "recitativo") tradicional, um recitativo da conjuntura que para estudar o passado o divide em amplas secções: períodos de dez, vinte ou cinquenta anos".⁴⁸

Por fim, a terceira perspectiva braudeliana, "o tempo individual", ou, em palavras suas, "o tempo breve, à medida dos indivíduos, da vida cotidiana, das nossas ilusões, das nossas rápidas tomadas de consciência; o tempo, por excelência, do cronista, do jornalista".⁴⁹ Numa outra passagem, Braudel fala nesse tempo dos fatos singulares: "flores de um dia, tão depressa fanadas e que não podemos ter duas vezes entre os dedos".⁵⁰ Chamando a atenção para não se confundir essa "histoire événementielle" com a história política, propriamente dita, Braudel traça-lhe definitivamente, o perfil: "O passado é, pois, constituído, numa primeira apreensão, por essa massa de pequenos fatos, uns resplandecentes, outros obscuros e indefinidamente repetidos; precisamente aqueles fatos, com os quais a microsociologia ou a sociometria

constroem na atualidade o seu bolo cotidiano (existe também uma micro-história). Mas esta massa não constitui toda realidade, toda a espessura da história, sobre a qual a reflexão científica pode trabalhar à vontade. A ciência social tem quase o horror do acontecimento. Não sem razão: o tempo breve é a mais caprichosa, a mais enganadora das durações".⁵¹

Ao introduzir a "dialética da duração" no âmago da problemática do tempo histórico, Braudel abria, efetivamente, cativantes perspectivas para a *nova história*. Sua concepção fecundou uma viragem do pensamento histórico. Falando dele e de Ernest Labrousse, Pierre Chaunu é taxativo: . . . "representaram um papel de direção, exerceram um império, que se impõe à inteligência de todos".⁵²

Como Braudel, Freyre defende uma redefinição, profundamente, criadora do tempo histórico. Acreditamos haver sido um dos primeiros a tentar, canhestamente, uma aproximação crítica do pensamento dos dois mestres.⁵³ Reaímos aqui na mesma tentação, pelo que nos parece significar de estimulantemente sugestivo o confronto de duas abordagens, sem nenhuma dúvida, marcantes na evolução historiográfica. Haverá nelas mais aproximações do que distâncias. Na França e no Brasil, caminhos bandeirantes abriam-se para Clío, a imperial musa, centrados no mistério do tempo, onde ela tece, vagarosamente, a teia do efêmero e do eterno.

3.4 O "tempo tróico"

Propondo-se uma interrogação sobre o "saber de nossas raízes", Maria do Carmo Tavares de Miranda fala de um passado que "funciona como profecia do futuro que é nosso presente. Passado que é visto numa preparação plena de sentido à interpretação de hoje, e presente que é entendido no horizonte do tempo, em tensão ao futuro que já existe em a-tenção, em formas do esperar".⁵⁴ Estamos longe de um tempo, puramente físico, sempre idêntico a si mesmo, de porções disciplinadas, fatais, rolando, matematicamente; a água dos rios que jamais retorna, buscando seu destino irrevogável. Trata-se, agora, do tempo humanizado, vivo, carregado de sangue e nervos. Não como o viram os historiadores clássicos, espécie de colar, onde se encastoavam os fatos, arrancados perfeitos dos documentos — esses alquimistas! — como "a jóia da ostra". O tempo histórico, como o viu Guy de Beaujouan: "En d'autres termes, à l'encontre de l'abstraction purement du *temps-cordonnés*, se présente la notion d'un temps comparable à un chemin tour à tour montant ou descendant, facile ou semé d'embûches".⁵⁵

O homem no tempo, eis a História. Poderão os especialistas se multipolarizar em concepções antagônicas. A pedra de toque, porém, da identifica-

de de sistema e os seus maiores trunfos de credibilidade repousarão sempre numa doutrina do tempo. Ele é o sangue de Clio. Em 1918, um historiador brasileiro escrevia uma bela e justa frase: "Nós todos não somos senão uma coleção de almas, que nos vêm do infinito do tempo".⁵⁶ Há, se quisermos, em qualquer homem uma estranha metempsicose de idades. Jamais será função de segmentos isolados, uma ilha perdida nos vastos mares da duração. Sempre um múltiplo na aparente unidade de sua aventura existencial. Aqui, a visão revolucionária de Freyre: "O homem nunca está apenas no presente, sem deixar de ser homem pleno ou integral. Se apenas se liga ao passado, torna-se arcaico. Se apenas procura viver no futuro, torna-se utópico. A solução para as relações do homem com o tempo parece estar no reconhecimento do tempo como uma realidade dinamicamente tríplice da concepção brasileira; e como o homem vive imerso no tempo, ele próprio é um ser — um estar sendo, diria talvez — Gasset-tríplice".⁵⁷

Em outra passagem, também, vivamente esclarecedora, Freyre fala da sua preocupação de ligar "mais sistematicamente o tempo futuro ao já vivido e ao vivente, estes como tempos potencialmente futuros; enquanto os tempos futuros seriam, não improvisos absolutos no vácuo, porém projeções de tempos já vividos e de tempos viventes. O tempo geral seria, assim, sempre tríplice; sempre plural; sempre composto e complexo; sempre síntese de três vidas coletivas. Nunca singular nem simples".⁵⁸

Foi Xenopol, como se sabe, um dos primeiros que procuraram caracterizar o campo da História como o domínio dos "fatos de sucessão" em confronto com os "fatos de repetição". Isto afastaria, segundo depreendemos, a História do campo das "ciências nomotéticas", como as compreendem Nagel e Piaget.⁵⁹ Toda vez que se procura capturar o histórico num sistema de relações necessárias terminamos elaborando leis como a filosófica dos "três estados" — de Comte, ou, a econômica, implícita na teoria marxista, como pensa Amoroso Lima,⁶⁰ do monolinearismo evolutivo: feudalidade, burguesia, proletariado. . . O museu do pensamento histórico é rico dessas ruínas. A datação, sem dúvida nenhuma, singulariza o histórico. Individualiza-o. Dá-lhe o "background" sócio-cultural que permite sua autonomia e inteligibilidade. É preciso, porém, reter a advertência de Glénisson: "Precisamos não apenas datar, mas determinar a *duração* dos fatos históricos".⁶¹ A esta ótica nova, o tempo se transfigura, liberta-se de um enclausuramento, deformantemente, físico, para ganhar uma fermentação, criadoramente, cultural. Deixa de ser categoria natural, na sua rigidez matemática, para se transfigurar em criação, dramatismo, personalidade. Reintroduz-se no tempo o mistério do Homem, ser de mudança e permanência, guardando na velocidade das mutações sociais o lento ritmo dos seus desafios essenciais. Como, sob a perspectiva de sua fé,

escreveria Ameal: "Ainda que, porém, à nossa volta se multipliquem aparências e contingências — sob essa multiplicidade superficial, a inteligência descobre a *unidade do ser*; sob o instável e o variável, a *estabilidade e a permanência*; sob as mil negações e sofismas acumulados pelo erro ou pela mentira, a lúcida presença da *verdade integral*".⁶² E arremataria num trecho que nos parece justíssimo: "A História não é, assim, mero arquivo de viagens, estéril registro de contradições. Do seu mar diverso e revoltado ergue-se uma luz forte que se projeta sobre os nossos caminhos. Nunca o futuro poderá ser deduzido senão de acordo com as regras de equilíbrio, de ordenação, de conservação, de progresso que a experiência nos lega".⁶³

Em um dos seus mais densos e desafiantes ensaios, Ortega analisa, com o poder insubstituível que possui de desvendar caminhos, o problema do sentido histórico: "La História no es, como la Física, un ensayo de explicar los fenómenos materiales que por sí carecen de sentido: el movimiento de los cuerpos, la luz, el sonido, etc. En vez de explicar, la Historia trata de entender. Sólo se entiende lo que tiene sentido. El hecho humano es precisamente el fenómeno cósmico del tener sentido".⁶⁴ A questão da continuidade ou descontinuidade histórica — tão dramaticamente projetada pela teoria apocalíptica da terminalidade fatal das culturas, de Spengler — marca de modo vital a discussão. Afinal, trata-se de saber se a História é o "estudo da elaboração progressiva da cultura pela espécie" — como queria Petit Muñoz⁶⁵ — possuindo uma gramática, capaz de ser dominada, ou somos o reino do múltiplo e do instável, a perpétua mudança, um balé de sombras, fugidias e inapreensíveis, dançando um ritmo criptográfico.

Estudando o objeto do conhecimento histórico, Collingwood propõe um pré-requisito: "O golfo do tempo existente entre o historiador e o seu objeto tem de ser anulado pela construção duma ponte, como já disse, que una ambos os lados".⁶⁶ Este "golfo do tempo" tem se alongado, muita vez, em "mar tenebroso", capaz de afogar os nautas mais atrevidos. A luta contra ele é quase a pedra de Sísifo do historiador. A implacável face da Esfinge jogando seus enigmas mortais. . . Nessas águas perigosas, concepções, como a de Braudel e Freyre, renovam a tentativa de superar os paradoxos e as antinomias da aventura humana, fundi-las todas no turbilhão da mesma galáxia. Como viu Freyre: "São valores em movimento, em transformação, em transmutação — aqueles com que tem de lidar o historiador-sociólogo ou o antropólogo cultural ou social que se prolongue em historiador. Donde a necessidade, encarecida ainda pelo professor Johnson, de se ter por "verdadeiro conceito histórico" o de transformação e não o de tempo fixo. Mas sem que sob este critério — o da transformação — se despreze a consideração das constantes: as constantes das formas e dos processos — ponto em que alguns de nós, sociólogos, antropólogos e psicólogos sociais modernos, preo-

cupados com os problemas sociais e psicológicos de tempo, vimos talvez concorrendo para libertar o estudo histórico tanto da sua subordinação ao estreito critério da descrição do *fato* como ao igualmente estreito critério de análise da transformação social, para a esses dois critérios insuficientes e estéreis, opormos o do estudo empático de *valores* e de *símbolos*, através do estudo sociológico de *formas* e *processos*".⁶⁷ Em Freyre, o tempo se faz função de um espaço social triangular, cujos lados seriam, simultaneamente, revivências, vivências e antecipações, sem que ocorra deformação acromegálica de nenhuma delas, espécie de gigantismo imperialista em que qualquer uma das categorias viesse a ser absorvida ou minimizada pela outra. Um tempo de face teologicamente trinitária e única, o homem ao mesmo instante tríplice e singular, um singular sempre revolucionariamente novo, sem deixar de ser múltiplo, na sua complexidade e riqueza, onde passado e futuro compõem um equilíbrio dinâmico.

Encontro em Mumford uma concepção analógica: "Se não tivermos tempo para compreender o passado, não teremos o discernimento necessário para controlar o futuro. Pois o passado nunca nos deixa e o futuro é já presente".⁶⁸ A medida do grande historiador estaria toda nesse diálogo com o mistério do tempo, do tempo que é a História agindo, modelando instituições e psicologias, transfigurando o acontecimento, aparentemente, efêmero, no símbolo que desafia a morte. Há uma página de Freyre, em que estuda as relações Homem/Tempo, fazendo considerações sobre o conceito hispânico de tempo, que nos parece magnificamente ilustradora de sua concepção. Página longa, mas, que nos permitimos repetir, sentindo-a mais clara do que tudo que se pretendeu dizer: "Note-se ainda, a propósito de Quixote e de Sancho como símbolos de extremos no comportamento caracteristicamente hispânico, que essa contradição talvez corresponda a contradições em ritmos de tempo psicológico e de tempo sociológico, também características daquele comportamento quando estudado como história. Ou como experiência histórica que se prolongue em experiência contemporânea, isto é, viva, atual, projetada sobre o futuro. O Quixote representaria, da parte de alguns hispanos, atitudes de desprezo pelo presente com supervalorização por uns, do passado, e, por outros, do futuro. Seriam ritmos ou tempos, os seus, opostos aos dominantes pelo seu arcaísmo ou pelo seu messianismo ou pelo seu sebastianismo. O Sancho representaria a tendência do homem comum, aldeão ou campônio, das Espanhas não só da Europa como de outras áreas hoje marcadas pela presença hispânica, para viver a vida principalmente, mas não exclusivamente, no presente, sem pretender prolongar, senão pelo apego folclórico à tradição oral, um passado como que eterno, um tempo já vivido pelos antepassados. Isto por um lado. Por outro lado, Sancho não tende a renunciar o presente pelo futuro; nem mesmo pela eternidade aceita como repúdio absoluto ao circunstancial, ao transitório, ao efêmero, que seria principalmente o presente,

sem deixar de incluir — sob uma perspectiva mística do tempo dissolvido em eternidade — o passado. O fato de a civilização hispânica apresentar-se ao mesmo tempo como uma cidade, como Toledo, que parece indiferente aos três tempos — o passado, o presente e o futuro — para ser uma afirmação do que no caráter ou no *ethos* hispânico é valor de sempre, e Barcelona — que é uma cidade principalmente moderna, em que o futuro e o presente se fundem sobre um lastro irredutível de passado — parece indicar que é uma civilização na qual a conciliação de três tempos, com diferentes predominâncias ideais, vem sendo não só possível como característica do seu desenvolvimento”.⁶⁹ Como se vê, a concepção do “tempo tríplice” não resta mera especulação brilhante de teórico. Como o modelo gilbertiano da *Casa-Grande & Senzala* resiste à erosão dos fatos. Oferece-nos uma resposta nova para um repto permanente. À sua luz, fica mais fácil compreender Croce, quando define: “O homem é um microcosmo, não no sentido naturalístico, mas no sentido histórico: é um compêndio de história universal”.⁷⁰ É como se à extraordinária visão de Braudel, a decomposição da História “em planos escalonados”, ou, a identificação no tempo da história de um tempo geográfico, de um tempo social, de um tempo individual, Freyre trouxesse um sopro sinfônico, fundisse tudo no jogo dialético do tempo trinitário, ele mesmo eterno passado, presente e futuro — num século, num ano, num minuto mesmos. A História, enfim, integral de todas as histórias. O tempo como categoria de todos os tempos.

3.5 Imagem de Bloch

Marc Bloch diz, lapidarmente: “O bom historiador, esse, assemelha-se ao monstro da lenda. Onde farejar carne humana é que está a sua caça”.⁷¹

Não é o homem, entretanto, uma caça rotineira. A inteligência e a liberdade estabelecem na relação caçador/caça perspectivas infinitas.

Ninguém melhor do que Freyre compreendeu o grande desafio. E armou suas armadilhas de capturar o mistério.

NOTAS DE REFERÊNCIA

32. RODRIGUES, José Honório. *História, Corpo do Tempo*. São Paulo, Editora Perspectiva S/A 1975, p. 13

- 33 HUGHES, H. Stuart. *La Historia como Arte y como Ciencia*. Madrid, Aguilar S/A de Ediciones, Juan Bravo, 1967. p. 16
- 34 HUGHES, H. Stuart, idem p. 17
- 35 FFBVRE, Lucien. *La tierra y la evolución humana*, México, Uteha, 1955. p. 161 (Biblioteca de Síntesis Históricas. La Evolution de la Humanidad, v. 4)
- 36 BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Lisboa, . Publicações Europa-América, 1965. p. 28 (Coleção Saber)
- 37 FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. 3. ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, tomo 1, p. XIII
- 38 GLÉNISSON, Jean. *Iniciação aos Estudos Históricos*, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961. p. 29
- 39 GLENISSON, Jean, op. cit. p. 29
- 40 LAPOUGE, Gilles. "O Livro da Semana. *O Estado de S. Paulo*, Rio de Janeiro, 15 jun. 1980. Cultura, Suplemento Literário, p. 12.
- 41 FREYRE, Gilberto, *Nordeste*. Rio de Janeiro, José Olympio, p. 17
- 42 FREYRE, Gilberto . op. cit. p. 68-69
- 43 CHAUNU. Pierre. *A História como ciência social*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976, p. 72
- 44 BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*, São Paulo, Ed. Perspectiva S/A, 1969, p. 15
- 45 BRAUDEL, Fernand. op. cit. p. 13-14
- 46 BRAUDEL, Fernand. *Revista de História*, São Paulo, (10): 263, 1952.
- 47 BRAUDEL, Fernand. op. cit. p. 263
- 48 BRAUDEL, Fernand. *História e ciências sociais*. Lisboa, Editorial Presença Ltda, 1972, p. 12
- 49 BRAUDEL, Fernand. op. cit. p. 14
- 50 BRAUDEL, Fernand. op. cit. p. 129
- 51 BRAUDEL, Fernand. op. cit. p. 14
- 52 CHAUNU, Pierre. op. cit. p. 73

- 53 MATOS, Potiguar. *Um Tempo do Recife*. Coletânea, Recife, Edição Arquivo Público Estadual, Secretaria da Justiça, 1978 p. 380-82
- 54 MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. *Pedagogia do Tempo e da História*. Recife, Imprensa Universitária, 1965, p. 19
- 55 BEAUJEUN, Guy. "L'Histoire et ses Méthodes". *Encyclopedia de la Pléiade*. Paris, Librairie Gallimard, 1961, p. 52
- 56 VIANA, Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil*. 2 ed. São Paulo, Monteiro Lobato Editora, 1922, p. 1
- 57 FREYRE, Gilberto. *Além do apenas moderno*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973, p. XXVII
- 58 FREYRE, Gilberto. op. cit. p. XXII
- 59 SILVA, Maria Beatriz Nizza da. (org.) *Teoria da História*. São Paulo, Antologia, Ed. Cultrix Ltda., 1976, p. 25-34
- 60 ATHAYDE, Tristão de. *Problemas da Burguesia*. Rio de Janeiro, Schmidt Editor, 1932, p. 109
- 61 GLÉNISSON, Jean. op. cit. p. 29
- 62 AMEAL, João. "Conquista da estabilidade". *Diário de Pernambuco*, Recife, 7/6/1942
- 63 AMEAL, João. op. cit.
- 64 ORTEGA Y GASSET, José. El sentido histórico. In: *Obras*. Madrid, Espasa-Calpe S/A, 1932. p. 847-848
- 65 MUÑOZ, Eugênio Petit, citado p. Rama, Carlos M., *Teoria de la História*, Buenos Aires, Editorial Nova, 1959. p. 60
- 66 COLLINGWOOD, R. G., *A Idéia de História*. Lisboa, Editorial Presença, p. 451
- 67 FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. Rio de Janeiro, José Olympio 1959, tomo 1, p. XXXIII
- 68 MUMFORD, Lewis. *A Condição do Homem*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1952, p. 21
- 69 FREYRE, Gilberto, *Sugestões de um novo contato com Universidades européias*. Universidade do Recife, 1961, p. 52-53
- 70 CROCE, Benedetto. *A História — Pensamento e Ação*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1972. p. 15

71 BLOCH, Marc. op. cit. p. 28

